

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos o Dossiê Temático do Número 54 da Revista MOARA, intitulado “Estudos Sociolinguísticos e Geolinguísticos na Amazônia Brasileira”. A elaboração dessa edição especial, em forma de dossiê, é uma proposta do Grupo de Trabalho “Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira” da ANPOLL, cujo objetivo é envolver os Programas de Pós-Graduação da área, localizados no que tem se denominado Amazônia brasileira ou Amazônia legal, em atividades que fomentem o desenvolvimento da pesquisa linguística. Configura-se também uma ação de valorização da produção acadêmica que é desenvolvida a partir de dados linguísticos da região.

Este Número especial foi coordenado pelas Profa. Dra. Marilucia Barros de Oliveira (UFPA – Belém), Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen (UNEMAT – Sinop) e Profa. Dra. Eliane Oliveira da Costa (UFPA – Belém). Os resultados aqui compilados são de pesquisas recentes desenvolvidas no contexto amazônico por estudiosos e pesquisadores que realizam trabalhos nas áreas de Estudos da Linguagem. As temáticas abordadas envolvem distintos enfoques e diferentes aportes teóricos; os catorze artigos estão disponibilizados na seção “Artigos Científicos de Número Temático”. Além disso o Dossiê abriu espaço para artigos com temas livres, sendo que oito artigos se encontram publicados na seção intitulada “Artigos de Tema Livre”. Finalmente, para concluir o Número, é apresentada uma homenagem ao Professor Joaquim Maia de Lima.

A disponibilização dos catorze artigos científicos da seção “Artigos Científicos de Número Temático” encontra-se da seguinte forma:

As variações lexicais para o conceito de “prostituta” no município de Anori-AM: um estudo dialetológico, escrito por Thays Coelho de Araújo e Carolina Pinheiro Barros, é o texto que inicia a exposição do Dossiê. Este texto é um estudo investigativo e comparativo sobre as variações lexicais relacionadas ao conceito de “prostituta”, nas zonas urbana e rural do município de Anori, localizado no Amazonas. As autoras, para compreenderem essas ocorrências, objetivaram analisar as variantes lexicais encontradas para o conceito de “prostituta” na localidade selecionada. Para isso, analisaram a questão 142, pertencente ao campo semântico “convívio e comportamento social” do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Por meio de uma pesquisa qualitativa e

quantitativa, numa perspectiva diatópica, aplicaram questionários com gravação de áudio, envolvendo 08 informantes, divididos entre a zona urbana e a zona rural de Anori. Teoricamente, esta pesquisa centra-se na Dialetologia e na Sociolinguística, por meio dos estudos de Cardoso (2010), Labov (2008), Feiteiro e Silva (2015) e Bagno (2007). E, para tratarem especificamente do léxico, abordaram os estudos de Polguère (2018), Henriques (2018), Caixêta (2015) e outros. Os resultados revelam que existem diferenças lexicais entre a zona urbana e a zona rural do município, pois em todos os casos, as variantes encontradas são predominantes em apenas um local, evidenciando, assim, a variação diatópica. Em suma, verificaram que há uma diferença no comportamento da unidade lexical entre a zona urbana e a zona rural do município de Anori. Isso ocorre em razão de não ser analisado somente o critério de localização geográfica, mas também critérios sociais como faixa etária, grau de escolaridade e sexo.

A apresentação dos primeiros trabalhos desenvolvidos no Norte do Brasil na área da Fraseologia, ancorados teoricamente na vertente fraseológica francesa (MEJRI, 1997) e orientados pela metodologia da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004; TAGNIN, 2009) é feita no texto *De grão em grão a galinha enche o papo: primeiros estudos fraseológicos no Norte do Brasil*, assinado por Abdelhak Razky, Carlene Ferreira Nunes Salvador, Davi Pereira de Souza e Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira. Tratam-se de duas teses de doutorado – *Estudo das fraseologias do futebol brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico* (SALVADOR, 2017), *O léxico especializado do corte bovino: uma abordagem terminológica e terminográfica* (OLIVEIRA, 2018) e de uma dissertação de mestrado – *Fraseologismos no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário* (SOUZA, 2018), vinculadas ao Projeto GeoLinTerm – PPGL/UFGA. Juntos, os três trabalhos somam 2.954 fraseologismos descritos referentes aos domínios pesquisados, como ilustram respectivamente os exemplos *gol de placa*, *chute de bucho condenado* e *crime de colarinho branco*.

Georgiana Marcia Oliveira Santos e Jose Claudio Bezerra Pereira fazem uma abordagem, no artigo intitulado *O léxico do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão: um estudo socioterminológico*, sobre o léxico dos segmentos especializados do Corpo de Bombeiros Militar do Maranhão (CBMMA), na capital do Estado, para fins de registro em um glossário. Os autores justificam o estudo por causa da emancipação do CBMMA, ocorrida em 1993, a qual permitiu desmembrar suas atividades, o que fez gerar um léxico especializado.

Como questões de investigação tem-se: a) existe um léxico especializado usado pelos segmentos do CBMMA?; b) quais fatores geram a produção e, quiçá, a variação desse léxico?; c) como ocorre a interação entre integrantes de diferentes segmentos, faixas etárias e sexos no CBMMA? Fundamentado nos estudos da Terminologia e Socioterminologia desenvolvidos por Sager (1990), Cabré (1993), Faulstich (1995), Isquendo e Oliveira (2001), Barros (2004), Krieger e Finatto (2004), a relevância deste trabalho consistiu em favorecer a interação dentro do CBMMA e incentivar a realização de novas pesquisas sobre o léxico especializado do Corpo de Bombeiros no país.

No texto *Pesquisas variacionistas nas regiões sul e sudeste do Pará: uma reflexão sobre a trajetória do Observatório de Linguagem do Sul e Sudeste do Pará (Olisspa)*, de Eliane Pereira Machado Soares, apresenta-se uma reflexão sobre a trajetória do grupo de pesquisa Observatório de Linguagem do Sul e Sudeste do Pará (Olisspa), que foi criado em 2003, no âmbito da Faculdade de Estudos da Linguagem (FAEL) - Campus de Marabá – ainda como parte da Universidade Federal do Pará - UFPA. O objetivo principal do grupo é o de investigar fenômenos variacionistas da realidade linguística das regiões sul e sudeste do Pará, como pode ser comprovado nos diversos trabalhos já desenvolvidos e em andamento. O artigo mostra os desafios passados e presentes enfrentados pelo Olisspa, dentre os quais a limitação de infraestrutura e de recursos materiais, e, a despeito disso, as contribuições que o grupo tem dado à pesquisa da língua portuguesa nessas regiões, em especial da língua falada na cidade Marabá.

No campo da geossociolinguística, o texto *Uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil*, escrito por Alcides Fernandes de Lima e Ronaldo Nogueira de Moraes, propõe discutir a presença *versus* a ausência de artigo diante de nome próprio em seis capitais da região Norte do Brasil (excetuando-se Palmas). Os dados para análise foram obtidos das respostas fornecidas por 48 informantes (oito de cada capital) a perguntas dos três questionários que compõem a metodologia de coleta de dados do projeto ALiB, bem como dos discursos semidirigidos produzidos pelos informantes. O estudo revelou um expressivo uso do artigo em todas as capitais, mostrando que a região Norte se caracteriza por fazer uso do artigo com nome próprio, aproximando-se da região Sul e parte do Sudeste e se distanciando da região Nordeste, apontando, assim, a relevância do fator diatópico.

No artigo *Diversidade lexical do português de comunidades indígenas do Médio Xingu*, o autor Fábio Luidy de Oliveira Alves apresenta resultados do mapeamento da diversidade lexical do português brasileiro falado em comunidades Asuriní do Xingu e

em comunidades Araweté, etnias indígenas que habitam no município de Altamira no estado do Pará. Os resultados limitam-se aos itens lexicais “banguela” e “cigarro de palha” do questionário semântico-lexical que integra o projeto *Atlas Linguístico do Brasil*. O estudo segue a orientação da Dialectologia pluridimensional e adota procedimentos de projetos de pesquisa que visam mapear línguas faladas por populações indígenas: o *Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas* (ALIPAI) e o *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil* (ALSLIB).

Márluce Coan e Raquel Maria da Silva Costa, no texto *A dimensão estilística da variação e as formas de tratamento tu/você/senhora(a) em Cametá-PA*, tratam do comportamento variável entre *tu/você/senhora(a)* em Cametá-PA, mediante análise das relações entre os interlocutores, sejam simétricas ou assimétricas (de inferior para superior ou vice-versa). Os dados foram obtidos em interações face a face de 16 grupos focais, cada qual constituído por um informante-base e outros três informantes, totalizando 64 participantes na pesquisa. Na fala dos 16 informantes-base, as autoras obtiveram 527 dados, assim distribuídos: 307 de uso de *tu*, 182 de uso de *você* e 38 de uso de *senhora(a)*, indicando a preferência da comunidade pela forma *tu*. À luz de pressupostos da Teoria da Variação, mais especificamente da variação estilística, observaram que há usos preferenciais de acordo com as relações estabelecidas entre os participantes, do que decorre favorecimento de *tu* em interações socialmente simétricas (65,6%), de *você* em relações assimétricas de superior para inferior (44,1) e de *senhora(a)* em relações assimétricas de inferior para superior (57,5%).

Em seguida, Maria José Basso Marques e Regina Uemoto Maciel Martins procuram mostrar, no artigo que se denomina *Reflexões semântico-lexicais do falar em Colíder-MT*, a partir do trabalho de natureza léxico-semântica, a descrição e a reflexão das respostas dadas por 48 informantes, distribuídos em 6 pontos de inquérito no município de Colíder-MT, para as questões 15, 53, 54, 61, 70, 74, 78, 108, 128, 146, 148, 156 do Questionário Semântico-Lexical (ALiB, 2001). Essa localidade é fruto do movimento político no início do século XX, cuja finalidade era a ocupação territorial. Diante dos projetos para os incentivos e subsídios fiscais, a colonização se firmou e passou a receber um grande fluxo de famílias advindas de várias regiões do país, proporcionando uma diversidade cultural e linguística. O estudo orientou-se pelos princípios da Dialectologia, da Sociolinguística e da Geolinguística. A análise evidenciou

que a realidade linguística local apresenta quadros multiformes do léxico, mostrando a influência de determinantes extralinguísticos, como a migração, a localização geográfica, a história e a cultura, revelando o mosaico que é a língua portuguesa.

Romário Duarte Sanches assina o texto intitulado *Variação fonético-fonológica no Amapá: uma proposta de análise geossociolinguística*, e aborda sobre uma proposta de análise geossociolinguística para os dados fonéticos do Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Como suporte teórico-metodológico, utiliza as discussões sobre o modelo de geossociolinguística de Razky (2010) e os trabalhos de Razky e Guedes (2015) e Razky e Sanches (2016). A proposta de análise buscou suprir a ausência do aspecto social da variação linguística presente nas cartas fonéticas do Projeto ALAP. Como resultado, o autor acredita que, por meio da análise geossociolinguística, foi possível ter uma visão macro do fenômeno linguístico, pois, além de compreender a influência de fatores linguísticos, foi possível perceber se os fatores extralinguísticos (espaço geográfico, sexo e faixa etária) também exercem influência na realização ou não realização de determinados fenômenos fonéticos.

A autora Neusa Inês Philippsen dá ênfase, no artigo que se intitula *Estudo morfossintático na região Norte de Mato Grosso/Brasil: usos de eu e mim*, a partir dos pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), à reflexão sobre os usos pronominais em quatro cidades do Norte mato-grossense (Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia), assim como em duas instituições de ensino, a Universidade do Estado de Mato de Mato (UNEMAT) e a Escola Estadual Nossa Senhora da Glória. Para tanto, utilizou-se de recursos teórico-metodológicos que permitiram que documentasse os pronomes *eu* e *mim* utilizados nesses espaços em análise, com destaque ao olhar apurado que lançou às dimensões diatópica, diafásica, diastrática, diagenérica e diassexual. Os resultados apreendidos foram transpostos a tabelas, quadros e cartogramas, na sequência, a autora teceu considerações analíticas sobre as preferências pronominais efetuadas no Norte de Mato Grosso, que mostraram um maior uso do pronome pessoal oblíquo *mim* antes de verbo no infinitivo.

Contribuiu também para este Dossiê a autora Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa com o texto *O alteamento vocálico da pretônica posterior e a relação de estigma e identidade na Amazônia Tocantina*. Este artigo objetiva verificar em que

medida a existência de estigma veiculada pela ação da escola atua sobre o sujeito sociológico constituído pela relação de identidade amazônica paraense, a partir da verificação da redução de probabilidade de elevação da vogal média [o] em posição pretônica. As análises incidiram sobre o *corpus* de Correa e Campos (2018), estabelecendo um cotejamento com Rodrigues (2005), o método de análise é quanti-qualitativo, a autora utilizou-se do programa estatístico GOLDVARB-X para a contagem das ocorrências sobre as quais discutiu as temáticas alteamento, identidade e estigma, subsidiada por Goffman (1975), Hall (2001). Os resultados apontam para a resistência de elevação do [o]>[u] em posição pretônica por extensão da ocorrência na tônica, reconhecidamente estigmatizada. Conclui que a escola exerce uma forte influência no sentido de vetar o alteamento da vogal média posterior para fugir do estereótipo de fala interiorana, distanciando o sujeito da sua identidade amazônica.

Na sequência expositiva, aparece o artigo intitulado *Variação Lexical no Atlas Linguístico do Amapá*, de Celeste Maria da Rocha Ribeiro. Neste artigo a autora apresenta um recorte da variação semântico-lexical nos dados do Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). A análise dos dados segue os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geossocioinguística. A amostra é composta de dados orais de 40 falantes, os quais foram submetidos à aplicação do questionário semântico-lexical que contém 202 questões, distribuídas em 14 campos semânticos. Este estudo focaliza as questões que evidenciaram produtividade no tocante à realização de variantes relacionadas ao campo semântico “convívio e comportamento social”. Os resultados, nesse estudo, destacados em quadros e cartas refletem o perfil da variação semântico-lexical, deste campo, no falar amapaense, refletindo a diversidade do português brasileiro usado no Amapá.

No texto *Léxico e cultura: a visão amazônica na obra poética de João de Jesus Paes Loureiro*, de Elis de Almeida Cardoso e Raphael Bessa Ferreira, os autores pretendem, a partir da interface entre a lexicologia, a estilística e a sociolinguística, mostrar de que forma as escolhas e criações lexicais de João de Jesus Paes Loureiro revelam a visão de seu “mundamazônico”. Por meio de uma amostragem de sua obra poética, verificaram como o escritor apresenta a cultura amazônica, valorizando tanto os costumes e as lendas, como a força da natureza, principalmente das águas, presentes na vida e na linguagem do homem dessa região, mas também criticando seus principais problemas, tais como a exploração predatória do solo e do homem. Transcendendo a linguagem banal e cotidiana da comunicação rumo a uma dimensão simbólica do

homem amazônico, Paes Loureiro cria com sua poesia um espaço reflexivo, expondo a seu leitor elementos constitutivos do contexto amazônico (linguagem e temas sociais, históricos e culturais), na medida em que apresenta seu *locus*.

Por fim, Marilucia Barros de Oliveira e Ana Paula Tavares Magno, no artigo *O que fazem acreanos e amapaenses com palavras esdrúxulas?*, tratam sobre a variação das proparoxítonas, sob uma perspectiva Geossociolinguística, a partir de dados que integram o banco de dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil. O trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla ainda em andamento sobre o referido fenômeno nas capitais e não capitais da região Norte do Brasil. A amostra utilizada limita-se aos dados recolhidos em dois estados da região, a saber: Acre e Amapá, incluindo-se capitais e não capitais, e é composta por 24 falantes estratificados em sexo (masculino; feminino) e faixa etária (18-30; 50-65). Apenas nas capitais a amostra leva em consideração a escolaridade (ensino fundamental; ensino superior). Ao todo foram avaliados 460 dados. No texto, as autoras apresentam os resultados referentes a cinco grupos de fatores, sendo dois internos e três externos. Os resultados mostram que a síncope é pouco produtiva nos falares estudados e que os fatores analisados exercem influência sobre seu uso.

Na sequência são trazidos os artigos com temas livres, os oito artigos desta seção se encontram dispostos da seguinte forma:

Expressões de futuridade em cartas manuscritas do século XIX, escrito por Grace Freire Bandeira e Rodrigo Felipe Ramos, discute os resultados das pesquisas realizadas acerca das expressões de futuridade em cartas manuscritas dos séculos XIX e XX, período em que a região amazônica ascendia economicamente devido ao ciclo da borracha. O objeto do estudo são as noções de futuro defendidas pelas gramáticas, representadas pela *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (2009), de Domingos Cegalla, e pela *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011), de Rocha Lima. Os autores assumem, para estabelecer uma visão diacrônica sobre o estudo, a perspectiva funcionalista e a variacionista da linguagem (LABOV, 2008; MOLLICA; BRAGA, 2017; MONTEIRO, 2000; TARALLO, 1986). Para contemplarem as análises de estruturas linguísticas não marcadas, nos níveis morfológico ou morfossintático, estudaram a categoria de tempo semanticamente (REICHENBACH, 1947; SILVA, 1998).

Variação e mudança linguística intrafalante: um estudo de painel sobre a palatalização das oclusivas dentais, de André Wesley Dantas de Amorim, Dermeval da Hora, Ingrid Cruz do Nascimento e Pedro Felipe de Lima Henrique, aparece em seguida trazendo, a partir de dados em tempo aparente confrontados com dados em tempo real, metodologia de pesquisa chamada por Labov (1994) como estudo de painel, uma análise do processo de palatalização das oclusivas dentais /t, d/ do Português Brasileiro (PB) falado em João Pessoa – Paraíba. Utilizando as entrevistas sociolinguísticas do *corpus* de 1993 e 2015 do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA, 1993), um estudo longitudinal foi desenvolvido considerando a palatalização na fala de cinco participantes. A principal hipótese é de que o uso da forma palatalizada progrediu na fala dos participantes, após 22 anos. Os resultados sugerem que, no geral, houve um aumento leve, porém estatisticamente significativo no uso da forma africada pelos participantes. Esse achado é consistente com a literatura (BHAT, 1978), que sugere uma tendência das línguas naturais em direção à palatalização.

No texto *As variáveis social e afetiva como potencializadoras da aquisição da segunda língua*, dos autores Gladys Quevedo-Camargo e Makoy Santos da Silva, objetiva-se discutir a importância das variáveis social e afetiva como potencializadoras da aquisição de uma segunda língua. Os autores entendem que as variáveis social e afetiva muito podem contribuir para o desenvolvimento da língua-alvo, uma vez que este é influenciado pela integração social e psicológica do aprendiz com grupos que falam essa língua. Acreditam que esses grupos não se limitam apenas aos falantes nativos, mas a todo aquele que se identifica sociopsicologicamente com a língua-alvo com o objetivo de adquiri-la. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2003; PRODANOV; FREITAS, 2013). Como aportes teóricos, recorreram aos estudos da Aquisição de Segunda Língua (ASL) tendo como representantes Correa (1999), Gass e Selinker (2008), Larsen-Freeman (2011), Paiva (2011), e VanPatten e Williams (2015); na Teoria do Modelo Monitor, Krashen (1985); e no Modelo de Aculturação, Schumann (1986). O objetivo do estudo é contribuir para que professores de línguas, estudantes do Curso de Letras, assim como alunos da pós-graduação em Linguística Aplicada possam refletir sobre a relevância deste estudo e compreender que as variáveis social e afetiva podem ajudar no progresso da aquisição da língua estudada.

A autora Jane Helen Gomes de Lima, no artigo intitulado *English as a Lingua Franca, Bilingualism and Multilingualism: How Do These Areas of Studies Relate?*, relata que o Inglês como Língua Franca (ILF) é uma área de pesquisa que se expandiu rapidamente e de diferentes maneiras. Começou a se concentrar principalmente na forma,

quando ainda seguia os princípios do World English. No entanto, agora o ILF é entendido como uma prática multilíngue. Essa nova reconceitualização do ILF o posicionou dentro da estrutura multilíngue, mas qual(is) conceito(s) teórico(s) conecta(m) os estudos em ILF, bilinguismo e multilinguismo? Para poder responder a essa pergunta, foi realizada uma revisão da literatura sobre bilinguismo e/ou multilinguismo associada à ILF usando o Google Scholar. Os resultados deste artigo mostram que o ILF3 considera o inglês como uma opção de idioma de contato entre todos os outros idiomas disponíveis no repertório multilíngue de seu falante, o que significa que o inglês é entendido no ILF como *uma opção, não mais como a única* opção de língua em práticas multilíngues.

No artigo denominado *Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica à superação da visão neoliberal de aprendizagem de língua inglesa*, Letícia Berneira Cardozo afirma que o ensino de língua inglesa no cenário brasileiro está envolto em uma perspectiva neoliberal, que transforma o ensino em um bem material e seus aprendizes em consumidores. Entretanto, faz-se necessário repensar o ensino da língua inglesa, de modo a propiciar aos aprendizes as ferramentas necessárias à emancipação dos sujeitos nesse cenário globalizante, oferecendo meios de humanização. Portanto, este artigo busca na Psicologia Histórico-Cultural elementos que corroborem para se pensar a aprendizagem de língua inglesa em termos de desenvolvimento humano, isto é, o quanto aprender uma língua estrangeira pode contribuir para que os sujeitos se reconheçam como parte integrante da sociedade, capazes de agir e transformar suas próprias realidades. Ao mesmo tempo, a autora busca na Pedagogia Histórico-Crítica motivações para se desvencilhar dessas pedagogias acríicas que assolam o ensino de línguas, propondo, assim, um olhar de luta, de comprometimento com um ensino humanizador.

O próximo texto elencado é o que se denomina *O estereótipo, a discriminação e o discurso de resistência presentes em memes referente aos povos da Amazônia*, de autoria de Geovânia de Souza Andrade Maciel e Lusinilda Carla Pinto Martins. Este artigo procura mostrar alguns exemplos de estereótipos e discriminação presentes em *Memes* referentes aos povos da Amazônia e, conseqüentemente, apresentar o ciberespaço como um ambiente aberto de comunicação *contra* a subalternidade, o que proporciona ao sujeito articular-se, expressar-se e ser ouvido; e não mais conviver com a passividade da exclusão social. A ênfase desse trabalho está na análise de *Memes* (termo que surgiu com Richard Dawkins em 1976), de maneira a evidenciar que os discursos meméticos se propagam na construção e desconstrução da identidade do Outro da Amazônia.

“Rindo até da própria desgraça”: o riso como Avaliação Encaixada em narrativas orais, de Nair Daiane de Souza Sauaia Vansiler, Juliana de Amorim Marques e Regina Célia Fernandes, tem como objetivo demonstrar em que medida eventos avaliativos (LABOV, 1972; MELO, 2003) são codificados por elementos paralinguísticos e multimodais. Mais especificamente, as autoras analisaram eventos avaliativos construídos por riso que garantem uma performance particular ao ato de narrar. Em um *corpus* de 12 narrativas orais de experiência pessoal, foram identificados 133 eventos avaliativos, sendo 99 do tipo encaixado e 34 do tipo externo. Os resultados da análise quantitativa apontaram que 8 ocorrências de risos identificadas nesse *corpus* têm como preferência as avaliações do tipo encaixadas. Os dados também foram submetidos a um protocolo experimental para descrevê-los gestualmente, o GAT (SELTING et al., 2011). Constataram que, como já apontado por Kerbrat-Orecchioni (1996) apud MELO (2003), os aspectos paraverbais ou não verbais desempenham um papel importante nas interações verbais.

Como fechamento desta seção, situa-se o texto denominado *Jornalismo e representações: um estudo sobre os povos indígenas no G1/Acre (2013 a 2018)*, de autoria de Francielle Maria Modesto Mendes. Este presente artigo tem por objetivo estudar as representações (re)criadas dos povos indígenas no site G1/Acre. As primeiras narrativas escritas sobre o estado do Acre são marcadas pela dicotomia inferno/paraíso tropical e as mais diversas populações amazônicas (indígenas e não indígenas) são identificadas, muitas vezes, como signos do exotismo e do atraso. Nesse contexto, a pesquisa visa a estudar se as narrativas jornalísticas ajudam na manutenção desses pré-conceitos, que narram os povos como homogêneos e estereotipados ou criam novas perspectivas sobre as mais diversas etnias que habitam a Amazônia acreana. O *corpus* do trabalho é formado por uma amostra de 29 textos jornalísticos, publicados entre fevereiro de 2013 a dezembro de 2018, que foram analisados a partir da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. O referencial bibliográfico é formado por autores como Stuart Hall, Miquel Alsina, entre outros que discorrem sobre questões relacionadas à região amazônica brasileira acreana.

Finalmente, encerra-se o Dossiê com o texto intitulado *Adeus a Joaquim Maia de Lima*, uma homenagem prestada a este Professor que atuou no Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará pelas autoras Marilucia Oliveira, Elizabete Vidal e Célia Zéri.

Em nome da equipe organizadora e do Grupo de Trabalho “Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira” da ANPOLL, desejamos a todos uma boa leitura e agradecemos aos autores que colaboraram com este dossiê especial, Número 54, da Revista Moara.

Marilucia Barros de Oliveira

Neusa Inês Philippsen

Eliane Oliveira da Costa